



OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DO AGRONEGÓCIO EM ITAPURANGA/GO

Danilo Cardoso Ferreira

Universidade Estadual de Goiás/Campus de Itapuranga
prof.daniloueg@gmail.com

Edson Batista da Silva

Universidade Estadual de Goiás/Campus de Itapuranga
edson_bat_silva@hotmail.com

Introdução

O objetivo deste artigo é tratar da relação sociedade/natureza e as consequentes formas de uso e ocupação do Cerrado, especificamente pelo agronegócio no município de Itapuranga, GO. Nesse sentido, serão destacadas as formas de uso do espaço pelos empresários rurais e, consequentemente os impactos socioambientais, que refletem diretamente na condição de vida dos sujeitos sociais que dependem dos recursos naturais como forma de sobrevivência.

Nesse contexto, o território municipal é apropriado pelo agronegócio, o que afeta a condição de vida da população local e, também os camponeses que são inseridos na lógica modernizante, os resultados deste processo são usos degradantes do solo, dos recursos hídricos, portanto, graves impactos ao Bioma Cerrado.

A agricultura camponesa em Itapuranga, como apontam Carvalho e Marin (2011) sofre sérios impactos, decorrentes da produção do território vinculados aos interesses da agroindústria canavieira. Há um conflito latente, entre o uso do território para a produção de alimentos e outro vertido para produção de biocombustível. A Usina Vale Verde, mesmo não beneficiando a cana na planta industrial instalada no município, tem causado inúmeros conflitos quanto ao uso do Cerrado neste espaço.

A destruição deste bioma em Itapuranga, como aponta Silva (2014), tem se ampliado, mesmo não sendo as condições topográficas propícias para o uso realizado. Contudo, há as facilidades de escoamento da produção, o que acarreta na diminuição das áreas de pastagens e na produção de alimentos. É importante indicar que essas manifestações de uso e dos impactos causados pela agroindústria é uma manifestação espacial como aponta Mendonça (2008), que contribui para pensar no olhar geográfico,



social e espacial. A bacia do Rio Canastra, o principal rio do município, é um ambiente que reflete o uso inadequado do Cerrado, com sérios impactos socioambientais, promovidos pela agroindústria canavieira e pela produção de Maracujá e Melancia, realizada nos municípios de Itapuranga e Uruana segundo os padrões da “Revolução Verde.” Os camponeses produtores destas culturas agrícolas têm seus territórios monopolizados pelo capital industrial/financeiro.

O caminho metodológico utilizado para alcançar os resultados propostos nesta discussão foram à pesquisa bibliográfica, com a consulta as pesquisas já construídas sobre os usos e impactos causados pela produção agroindustrial do município de Itapuranga. E dados do censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2010), para evidenciar o aumento da produção da agroindústria da Cana no município analisado, em contraposição ao crescimento da agricultura camponesa.

Além disso, há apontamentos dos impactos ambientais apresentados em pesquisas e também em relatório produzido pela Companhia de Saneamento Básico do estado de Goiás (SANEAGO), que destaca impactos graves no que se refere ao uso de agrotóxicos nas águas municipais, sendo elas a fonte principal de abastecimento do município. Inclusive há hipóteses que contribuem para a análise dos impactos sociais promovidas pela agroindústria na região, o que coloca o município como aquele que detém o maior índice de pacientes com problemas renais e indica problemas na água, promovido pela poluição do Rio Canastra por agrotóxicos.

Agronegócio e campesinato: reflexões teóricas necessárias

Estudos da Embrapa (2013) indicam que os brasileiros bebem aproximadamente 6 litros de agrotóxicos anualmente, devido a grande utilização na produção agropecuária, o que evidencia o agronegócio como agente fundamental desse processo. Mas, afinal o que é o agronegócio? Segundo Leite; Medeiros (2012) o uso do termo agronegócio é recente no Brasil e tem relação com o termo *agribusiness*, cunhado na década de 1950 pelos professores Jonh Davis e Ray Goldberg, para expressar as relações econômicas e tecnológicas entre o setor agropecuário e o industrial.



A ideia era opor a análise sistêmica à setorial. Segundo os autores, no Brasil o *agribusiness* foi associado à agroindústria ou complexo agroindustrial; no período recente é entendido por alguns autores como a radicalização das atividades industriais em detrimento da atividade agrícola. Leite; Medeiros (2012) chamam a atenção para os aspectos econômicos, políticos, sociais e institucionais envolvidos na emergência do termo. Por isso, há um esforço de algumas instituições de construir discursos positivos que vinculam o agronegócio ao moderno, dinâmico, produtor de divisas e fundamental para a economia nacional. Entretanto, essa construção simbólica visa esconder mazelas sociais, aspectos negativos ligados à grande propriedade e disputar, no Estado, fatias maiores de recursos públicos.

O fato é que o agronegócio monopoliza os territórios camponeses e, por conseguinte o campesinato. Sendo esse sujeito social, segundo Shanin (2005), aquele que tem como núcleo estruturante a natureza e a dinâmica do estabelecimento rural familiar, enquanto unidade básica de produção e de vida social. Consequentemente, a existência do camponês, como sujeito social específico, depende da presença de estabelecimentos rural familiar. O camponês deve ser compreendido, portanto, pela análise da sua unidade de produção e as características internas e externas dessa, além das suas relações com a totalidade.

Os impactos socioambientais do agronegócio no município de Itapuranga

A utilização do solo da bacia hidrográfica do Rio Canastra, para a produção de biocombustível é um dos principais agentes que provocam os impactos socioambientais, como descreve o estudo de Carvalho e Marin (2011). Os principais problemas referem-se à queima da cana, à perda da diversidade natural e à degradação do solo e dos recursos hídricos. Os autores alertam,

[...] que as queimadas emitem eteno na atmosfera, além de outros hidrocarbonetos que são precursores da formação do ozônio troposférico, o qual é responsável por problemas respiratórios em seres humanos. As queimadas também emitem diversos compostos que, uma vez depositados na água e no solo, convertem-se em ácidos, aumentando a acidez do meio. A acidificação apresenta como consequências o declínio florestal, a mortalidade de peixes, a corrosão de metais e a desintegração de revestimento de superfícies metálicas e de materiais minerais de construção, dentre outras. [...] Ademais, provoca a diminuição da umidade e porosidade do solo, o que implica a alteração da concentração de gases e diminui sua fertilidade, em decorrência



DE 25 À 28 DE JUNHO DE 2014 - UEG CAMPUS GOIÁS

da exposição do terreno aos efeitos erosivos e da perda de nutrientes voláteis durante a combustão. Esses nutrientes retornam ao solo, mas na forma de chuva ácida, que é altamente nociva aos vegetais. (CARVALHO; MARIN, 2011, p. 4).

A agroindústria produz diversos impactos socioambientais, que influenciam na condição de vida da comunidade local. Com isso, o capital intenciona a produção da mais-valia, com claros benefícios privados e coletivização de prejuízos. Dentre eles está aquele direcionado a agricultura camponesa, uma das principais fontes econômicas do município. Como apontado por Carvalho e Marin (2011), os camponeses, asfixiados pelo capital canavieiro, concedem em longo prazo a exploração da terra as usinas. Além disso, quanto aos desafios de ordem ambiental, o Estudo integrado das Bacias Hidrográficas dos Rios Almas e Maranhão, desenvolvido no ano de 2007, menciona que dentre os municípios destas bacias, o de Itapuranga apresenta problemas na poluição no que tange aos recursos hídricos:

[...] despejos de poluentes nos mananciais e nos demais, os despejos são causados por agrotóxicos usados nas plantações. De acordo com os dados primários apenas na cidade de Itapuranga foi encontrada informações de despejos de esgoto nos mananciais. Os principais agravos ao meio ambiente nesta sub-região é a falta de saneamento básico, desmatamento, queima dos resíduos da cana de açúcar e o uso inadequado de agrotóxicos. (ESTUDO INTEGRADO DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS ALMAS E MARANHÃO, 2007, p. 365).

Além dos problemas relacionados às queimadas e desmatamentos, a pesquisa afirma que existem despejos por escoamento superficial, causados por agrotóxicos em plantações próximos aos mananciais. Como destaca a Figura 1, o uso e ocupação do solo em Itapuranga, pelas pastagens e a monocultura proporcionam transformações constantes nas condições socioambientais.

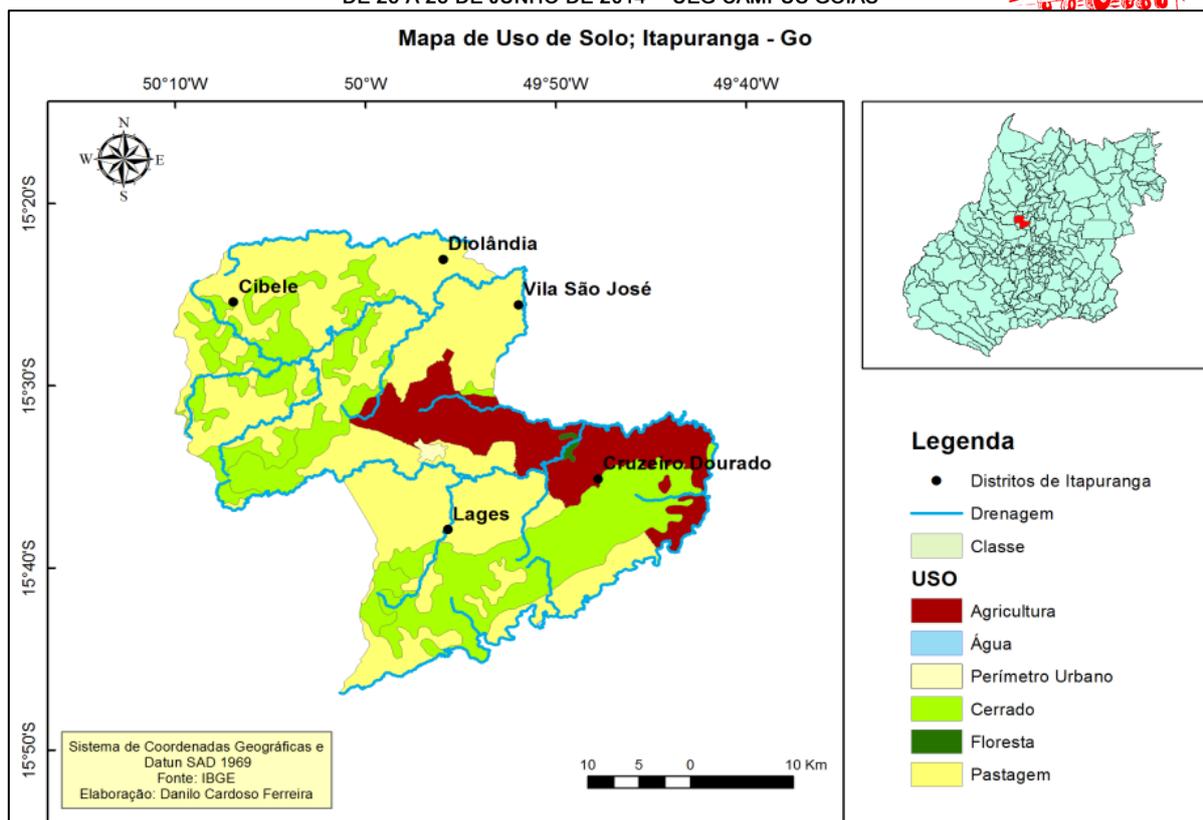


Figura 01 – Mapa de Uso e Ocupação do Cerrado em Itapuranga

Considerações Finais

Um dos grandes desafios da sociedade moderna é correlacionar de forma adequada a produção industrial, com formas de uso e apropriação dos recursos naturais disponíveis à sociedade. A crise indicada por Leff (2001) demonstra que, os impactos socioambientais não provêm somente da crise ecológica ou ambiental. A questão central é a crise do modelo racional e, por conseguinte, o padrão “civilizatório” articulado. Há uma crise da razão, especificamente da racionalidade instrumental, que gera benefícios privados e prejuízos coletivos. A produção agroindustrial no Cerrado manietta usos e apropriações favoráveis aos atores hegemônicos.

No município de Itapuranga, o capital por meio de seus agentes, amparados pelo Estado, influenciam a dinâmica produtiva da agricultura camponesa, com a apropriação direta do espaço, por meio da territorialização do setor canavieiro, ou pela monopolização dos territórios camponeses. Esse processo reflete na produção de alimentos e nos impactos socioambientais a sociedade e sua natureza exterior, a vida é colocada em risco pela sanha do capital.



Referências

CARVALHO, Simone Pereira de; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Agricultura Familiar e Agroindústria Canavieira: impasses sociais**. RESR, Piracicaba, SP, vol. 49, nº 03, p. 681-708, jul/set 2011.

Estudo Integrado das Bacias Hidrográficas dos Rios Almas e Maranhão Meio Socioeconômico. Volume I - Tomo II. 9-172 p. Disponível em: www.semarhtemplate.go.gov.br Acesso em: 18 de jun. de 2014.

LEFF, H. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEITE, Sergio Pereira; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Agronegócio. *In*: ALENTEJANO, Paulo; CALDART, Roseli Salete et. al (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. 79-85 p.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações- o velho e o novo em uma discussão marxista. *In*: **Revista Nera**, nº 07, jul./dez 2005, 21 p. Disponível em: revista.fct.unesp.br/index.php/nera. Acesso em: 15 Fev. 2014.